

EMEF Professor Roberto Mange
Diretoria Regional de Ensino do Butantã
Prefeitura Municipal de São Paulo - Secretaria Municipal de Educação

Projeto: Quebrada Maps
Mange mapeando territorialidades da juventude na periferia.

Informações para contato:
Endereço: *Rua José Cerqueira Bastos, 46 Jd. Esther São Paulo –*
SP Professor Responsável: Wellington
Fernandes
Terça a sexta período da tarde

Projeto: Quebrada Maps
apeando territorialidades da juventude na periferia.

Mange mapeando



-Apresentação

1-

Em muitas cidades existe o serviço de Transporte Escolar
Em muitas cidades existe o serviço de Transporte Escolar

Gratuito, em São Paulo, tem direito ao transporte crianças
Gratuito, em São Paulo, tem direito ao transporte crianças
Gratuito, em São Paulo, tem direito ao transporte crianças

menores de 9 anos que moram a mais de 2 km da escola. Em
menores de 9 anos que moram a mais de 2 km da escola. Em
menores de 9 anos que moram a mais de 2 km da escola. Em

uma determinada situação em uma Escola Municipal, a questão
uma determinada situação em uma Escola Municipal, a questão
uma determinada situação em uma Escola Municipal, a questão

criança mora a mais de 2 km se seu
como provar que uma criança mora a mais de 2 km se seu
era como provar que uma

endereço não está no mapa? Diversos exemplos poderiam ser
endereço não está no mapa? Diversos exemplos poderiam ser
endereço não está no mapa? Diversos exemplos poderiam ser

utilizados como ponto de partida para apresentar o contexto
utilizados como ponto de partida para apresentar o contexto
utilizados como ponto de partida para apresentar o contexto

desta proposta de trabalho, mas esta situação é um exemplo
desta proposta de trabalho, mas esta situação é um exemplo
desta proposta de trabalho, mas esta situação é um exemplo

alarmante para o poder dos mapas e a cidade que ele pretende

mostrar. alarmante para o poder dos mapas

Debatendo outro contexto, WALDMAN (2014) explora como os mapas foram

Debatendo outro contexto, WALDMAN (2014) explora como os mapas foram

Debatendo outro contexto, WALDMAN (2014) explora como os mapas foram

ferramentas para os Europeus invadirem o continente Africano nos séculos XVII e XIX,

ferramentas para os Europeus invadirem o continente Africano nos séculos XVII e XIX,

ferramentas para os Europeus invadirem o continente Africano nos séculos XVII e XIX,

a partir de mapas que mostravam a África com um conjunto de terras despovoadas, o a

partir de mapas que mostravam a África com um conjunto de terras despovoa
a partir de mapas que mostravam a África com um conjunto de terras despovoa ainda
hoje, os mapas
autor intitula a prática como “fagocitose cartográfica”. Porém, ainda hoje,
autor intitula a prática como

negar a ‘existência’ de parcelas da população. O endereço da
negar a ‘existência’ de parcelas da população. O endereço da
podem ser usados para negar a ‘existência’ de parcelas da população. O endereço da
criança não estava no mapa, já que sua casa está localizada em uma favela. criança não
estava no mapa, já que sua casa está localizada

caso, a rua não mapeada levou a ausência de cidadania para a criança, mas caso, a rua
não mapeada levou a ausência de cidadania para a criança, mas Neste caso, a rua não
mapeada levou a ausência de cidadania para a criança, mas imaginando uma situação
mais ampla, uma área não mapeada ‘não existe’. Para RUFÍ imaginando uma situação
mais ampla, uma área não mapeada ‘não existe’. Para RUFÍ imaginando uma situação
mais ampla, uma área não mapeada ‘não existe’. Para RUFÍ & FONT (1999) áreas
como estas podem ser chamadas como as novas ‘terrae & FONT (1999) áreas como
estas podem ser chamadas como as novas ‘terrae & FONT (1999) áreas como estas
podem ser chamadas como as novas ‘terrae são ‘desmapeados’,
não servem nem para serem explorados, são ‘desmapeados’,
incognitae’. Espaços que já não servem nem para serem explorados bolsões de pobreza e
miséria, marginalizados, zonas inseguras, indesejáveis, bolsões de pobreza e miséria,
marginalizados, zonas inseguras, indesejáveis, bolsões de pobreza e miséria,
marginalizados, zonas inseguras, indesejáveis, ifáveis a serviço de outros interesses.
desagradáveis e facilmente rifáveis a serviço de outros interesses.

uando a prefeitura do
Também colabora com este raciocino um evento de 2013, quando a prefeitura do
Também colabora com este

Rio de Janeiro realizou um
acordo
Rio de Janeiro realizou um
acordo
com a Google, a qual fazia com



que
com a Google, a qual fazia com que
as favelas deixassem de aparecer no
as favelas deixassem de aparecer no
aparece no
GoogleMaps. Como aparece
jornal Estado de São Paulo em abril
jornal Estado de São Paulo em abril
daquele ano.

das favelas nos
A retirada das favelas nos
mapas urbanos acaba negando
mapas urbanos acaba negando

nessas áreas, como vimos no primeiro exemplo, mas, além
nessas áreas, como vimos no primeiro exemplo, mas, além
cidadania de quem mora nessas áreas, como vimos no primeiro exemplo, mas, além
disso, é também uma violência no plano simbólico, afinal, essa invisibilidade nega a
existência, a identidade e a territorialidades dessa parcela da população urbana. Este
cenário releva um pouco dos conflitos de interesse pelo espaço urbano e da relevância
em problematizar e questionar a representação oferecida pelos mapas disponíveis. E é a
partir deste contexto que está inserido este projeto e a escola é um palco singular para a
efetivação desta proposta.

1- Justificativa

Entender as motivações e o contexto para como determinadas áreas são
mapeadas ou não mapeadas na cidade é ponto de partida para pensar o meio urbano e
seus conflitos. Como também dá nitidez para a necessidade de todos os grupos sociais
estarem empoderados cartograficamente.

Pois, seria legítima a defesa de que todas as parcelas da sociedade precisam se
instrumentalizar com a capacidade de analisar os mapas, como também de estarem
empoderadas das técnicas de cartografia para a produção de seus próprios mapas. E em
uma cidade tão desigual como São Paulo, com certeza, existem muitas realidades a
serem mapeadas.

Ou complementando, CRAMPTON & KRYGIER (2008) apontam “se o mapa é
um conjunto específico de assertivas de poder e conhecimento, então não apenas o

Estado como outros poderiam fazer afirmações concorrentes e igualmente poderosas”. Estas novas assertivas podem produzir discursos contra – hegemônicos, ou como alguns autores fazem intitulam, contra-mapas.

2- Objetivo

Tendo como cenário a observação da problemática das Grandes Cidades na sociedade contemporânea, considerando o cotidiano, como principal ponto de partida para as reflexões sobre os assuntos que envolvem a temática. Aplicar proposta de intervenção que busque empoderar os estudantes da teoria, da linguagem e das técnicas para produção de sua própria cartografia.

3- Descrição de atividades

A proposta de projeto aqui apresentada está colocada de acordo com proposta de trabalho interdisciplinar da EMEF Prof^o Roberto Mange para o ano letivo de 2016, Cidade, foi estabelecido como tema gerador para os projetos da escola. Além disso, também orienta o projeto, o eixo de trabalho, Comunicação e Intervenção Social, apontado pela unidade para o Ciclo Autoral.

Pensando o eixo de trabalho, este projeto, converge no sentido de trabalhar com uma linguagem e com o engajamento desta. Pois a Cartografia é uma linguagem e o mapa sua expressão, a partir da representação do espaço geográfico, aqui utilizando de várias mídias e canais para produção/divulgação de mapas.

Além disso, no campo da teoria social, o mapa é um discurso e, desta forma, é possível afirmar que qualquer expressão cartográfica pode ser questionada, como também que, outros discursos podem ser expressos a partir desta linguagem. Coerente a isso, espera-se permitir ao estudante questionar e propor em relação realidade ao qual está sendo mapeada.

Assim, o trabalho será norteado por propostas coerente a Cartografia Humana e Crítica. Pretendo promover a apropriação e problematização de técnicas tradicionais (ex: SIGs Gratuitos) e alternativas (ex: mapeamento participativo) para a leitura e produção de mapas.

Para isso, a partir de Abril de 2016, está previsto a realização de atividades teóricas e práticas, dentro e fora da unidade escolar, em horário de contra-turno, sendo a participação dos estudantes voluntária e por adesão. Serão convidados estudantes de

todo o ciclo autoral (7º, 8º e 9º anos) e a expectativa é de termos uma média de 15 participantes. Assim, os encontros acontecerão as terças, quartas e quintas – feira entre 12h e 13h30, utilizando a sala 1 como referencia para reunião, mas usando de outros espaços quando necessário.

4- Bibliografia Citada

- CRAMPTON, & KRYGIER – *Uma introdução à cartografia crítica in ACSELRAD*, Henry (org) – Cartografias sociais e território - Rio de Janeiro: UFRJ IPPUR – 2008;
- FONT, Joan N. & RUFI, Joan V. – Geopolítica, Identidade e Globalização – Editona Anablume, 1999;
- WALDMAN, Mauricio - CARTOGRAFIA DE ÁFRICA: TOPONÍMIA, AFRICANIDADE E IMAGINÁRIO - Revista Equador (UFPI), Vol.3, nº1, p. 25 - 41 (jan./jun.,2014)